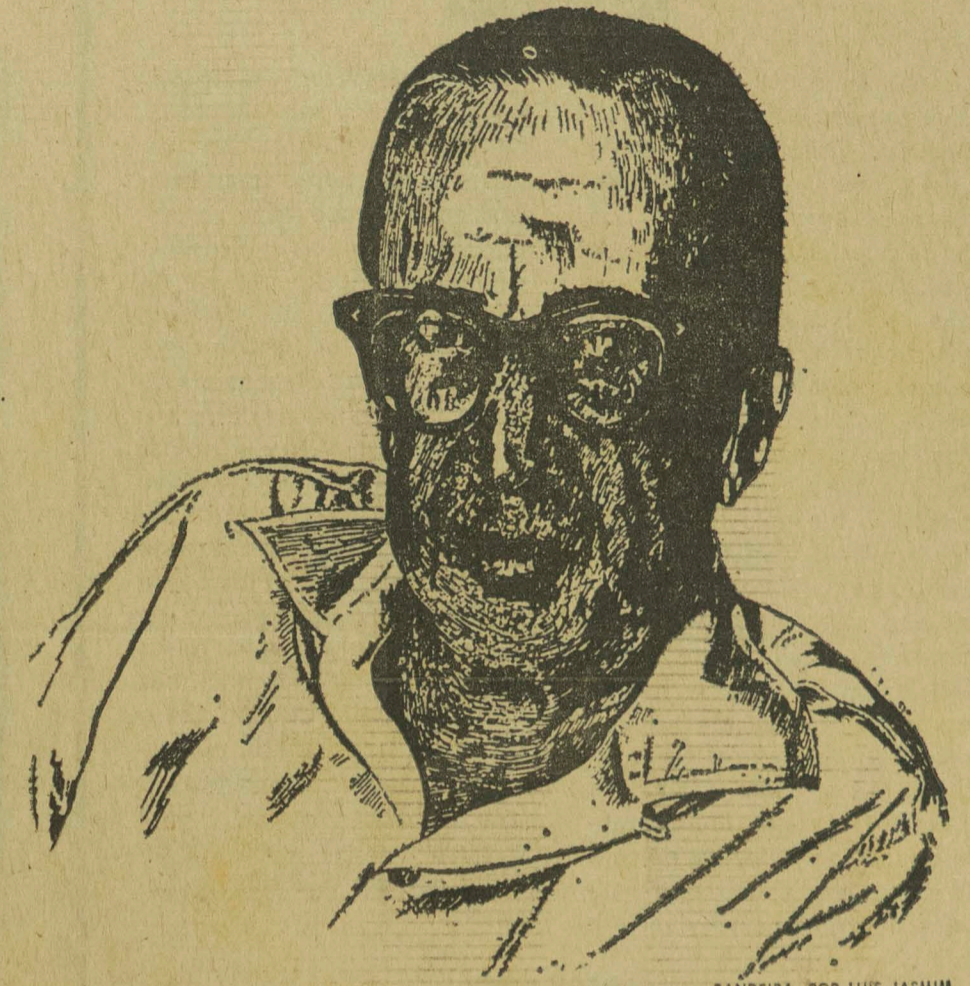


# (AUTO) RETRATO DE MANUEL BANDEIRA

SELEÇÃO DE LUIZ ORLANDO CARNEIRO

(Os trechos de memórias foram extraídos de *Itinerário de Pasárgada*, Liv. S. José, 1957; os versos de Manuel Bandeira, *Poesia e Prosa*, Aguilar, 1958).



BANDEIRA, POR LUIZ JASMIM

Sou natural do Recife, mas na verdade nasci para a vida consciente em Petrópolis, pois de Petrópolis datam as minhas mais velhas reminiscências. Procurei fixá-las no poema *Infância*: uma corrida de ciclistas, um bambual debruçado no rio (imagino que era o fundo do Palácio de Cristal), o pátio do antigo Hotel Orleães, hoje Palace Hotel... Devia ter eu então uns três anos.

Corrida de ciclistas.  
Só me recordo de um bambual debruçado  
[no rio.  
Três anos?  
Foi em Petrópolis.

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias da carochinha. No Recife, depois dos seis anos.

Dos seis aos dez anos, nesses quatro anos de residência no Recife, com pequenos veraneios nos arredores — Monteiro, Sertãozinho do Caixangá, Boa Viagem, Usina do Cabo — construiu-se a minha mitologia, e digo mitologia porque os seus tipos, um Totônio Rodrigues, uma D. Aninha Viegas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa de meu avô Costa Ribeiro, têm para mim a mesma consistência heroica das personagens dos poemas homéricos.

A Rua da União onde eu brincava de chique-queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas  
Totônio Rodrigues era muito velho e botava  
[o pincenê na ponta do nariz

Na casa de Laranjeiras, onde moramos os seis anos que cursei o Externato do Ginásio Nacional, hoje Pedro II, nunca faltava o pão, mas a luta era dura.

Com dez anos vim para o Rio.  
Conhecia a vida em suas verdades essenciais.  
Estava maduro para o sofrimento  
E para a poesia.

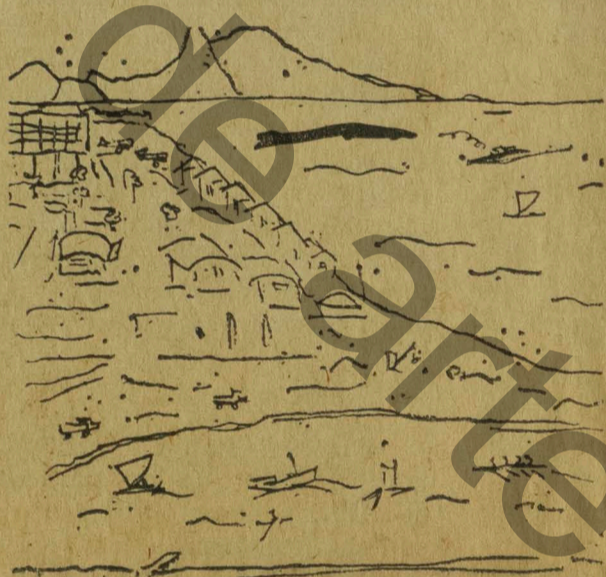
As influências literárias que fui recebendo são incontáveis. Foram sucessivas, não simultâneas. Me lembro de uma fase Musset, de uma fase Verhaeren... Villon... Eugênio de Castro... Lenau... Heine... Charles Guérin... Sully Prudhomme... Até Sully Prudhomme? dirá algum requintado de hoje. Até Sully Prudhomme.

Ardeu em gritos dementes  
Na sua paixão sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.

O verso verdadeiramente livre foi para mim uma conquista difícil. O hábito do ritmo metrado, da construção redonda foi-se me correndo lentamente...

Esta estátuazinha de gesso, quando nova  
— O gesso muito branco, as linhas muito puras —  
[sugeriu imagem de vida.

Já disse que as influências literárias que recebi foram inúmeras: mencionei apenas algumas. E as extraliterárias? As do desenho e as da música?



Maior ainda foi em mim a influência da música. Não há nada no mundo de que eu goste mais do que música.

Eu quis um dia, como Schumann, compor  
Um carnaval todo subjetivo:  
Um carnaval em que o só motivo  
Fôsse o meu próprio ser interior...

Em junho de 1913 embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz...

Febre, hemoptise, dispnéia, suores noturnos  
A vida inteira que podia ter sido e que  
[não foi  
Tosse, tosse, tosse.

Dois poetas havia entre meus companheiros de sanatório. Um logo me chamou a atenção. (...) Chamava-se Paul Eugène Grindel e fizera dezoito anos em dezembro de 1913. Fiz relações com ele. (...) Eluard tornou-se um dos grandes poetas da França e do mundo, mas o rapaz de Clavadel não deixava ainda entrever as suas possibilidades...

O meu primeiro livro viria a ser impresso no Brasil, nas oficinas do *Jornal do Comércio*, dirigidas então pelo simpático Rios, homem gordo, bonachão e paciente com os poetas estreatantes que queriam subverter as normas tradicionais da arte tipográfica. A tiragem foi de apenas duzentos exemplares e custou trezentos mil réis... A *Cinza das Horas* não continha tudo o que eu havia escrito até 1917, data da publicação.

Eu faço versos como quem chora  
De desalento... de desencanto...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.

O meu Carnaval começava ruidosamente, como o de Schumann, mas foi-me saindo tão triste e mofo, que em vez de acabar com uma galharda marcha contra os filisteus, terminou chochamente "not with a bang but a whimper."

Quero beber! cantar asneiras  
No esto brutal das bebedeiras  
(De Bacanal, primeiro poema de Carnaval)  
— O meu carnaval sem nenhuma alegria!...  
(De Epilogo, último poema de Carnaval)

Com Carnaval recebi o meu batismo de fogo. Certa revista deu sobre ele uma nota curta, mais ou menos nestes termos: "O Sr. Manuel Bandeira inicia o seu livro com o seguinte verso: "Quero beber! cantar asneiras..." Pois conseguiu plenamente o que desejava."

A morte de meu pai e a minha residência no morro do Curvelo, de 1920 a 1933, acabaram de amadurecer o poeta que sou. (...) Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância. Lá escrevi quatro livros, três de poesia — *O Ritmo Dissoluto*, *Libertinagem*, e quase toda a *Estréla da Manhã*, e um de prosa — as *Crônicas da Província do Brasil*.

*O Ritmo Dissoluto* apareceu em 1924 conjuntamente com a segunda edição de *A Cinza das Horas* e o Carnaval, num volume editado pela *Revista da Língua Portuguesa*.

Na sombra cúmplice do quarto,  
Ao contato das minhas mãos lentas  
A substância da tua carne  
Era a mesma que a do silêncio.

A mim me parece bastante evidente que *O Ritmo Dissoluto* é um livro de transição entre dois momentos da minha poesia. Transição para quê? Para a afinação poética dentro da qual cheguei (...); e na expressão das minhas idéias e dos meus sentimentos, do ponto-de-vista do fundo, à completa liberdade de movimentos, liberdade de que cheguei a abusar no livro seguinte, a que por isso mesmo chamei *Libertinagem*.

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de  
[ponto expediente protocolo e manifes-  
[tações de apreço ao sr. diretor

Não alimento nenhum desejo de imortalidade. O meu poema *A Morte Absoluta* não foi sincero apenas na hora em que o escrevi, o que é afinal a única sinceridade que se deva exigir de uma obra de arte. Posso dizer na mais inteira tranquilidade que pouco se me dá de, quando morrer, morrer completamente e para sempre na minha carne e na minha poesia.

Morrer.  
Morrer de corpo e alma.  
Completamente.

Vou-me embora pra Pasárgada foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome de Pasárgada quando tinha meus 16 anos e foi num autor grego. (...) Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, (...) saltei-me de súbito do subconsciente esse grito estapafúrdio: "Vou-me embora pra Pasárgada!"

Em março de 1933 me vi forçado a abandonar o meu apartamento do Curvelo (...). Passei a residir em Morais e Vale, uma rua em coto-véio, no coração da Lapa.

Atirei um céu aberto  
Na janela do meu bem:  
Cai na Lapa — um deserto...  
— Pará, capital Belém!...

A maioria dos versos da *Estréla da Manhã* e da *Lira dos Cinquent'Anos* datam de Morais e Vale. No primeiro livro, são ainda do Curvelo o poema que deu título ao livro, a *Canção das Duas Índias*, *A Filha do Rei*, a *Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá* e alguns outros.

As três mulheres do sabonete Araxá me in-  
[vocam, me bouleversam, me hipno-  
[tizam.  
Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às  
[quatro horas da tarde!  
O meu reino pelas três mulheres do sabo-  
[nete Araxá!

Em 1936, aos 50 anos de idade pois, não tinha eu ainda público que me proporcionasse editor para os meus versos. A *Estréla da Manhã* saiu a lume em papel doado por meu amigo Luis Camilo de Oliveira Neto, e a sua impressão foi custeada por subscritores. Declarou-se uma tiragem de 57 exemplares, mas a verdade é que o papel só deu para 50.

Eu quero a estréla da manhã  
Onde está a estréla da manhã?  
Meus amigos meus inimigos  
Procurem a estréla da manhã

Em 1940, aberta uma vaga na Academia Brasileira de Letras com o falecimento de Luis Guimarães Filho, fui visitado por três amigos acadêmicos — Ribeiro Couto, Múcio Leão e Casiano Ricardo — que vinham de me convidar a que me apresentasse candidato.

Nesse mesmo ano de 48 publiquei em livro sob o título de *Mafua do Malungo* os meus versos de circunstância. "O poeta se diverte", comentou Carlos Drummond de Andrade, traduzindo um verso de Verlaine.

O poeta Augusto Frederico  
Schmidt, de quem dizem que está rico,  
Foi homem pobre, certifico,  
Mas o poeta sempre foi rico.

Na minha vida de poeta os meus contatos têm sido sempre com gente nova, o que talvez explique que eu venha envelhecendo devagar.

Continuei esperando a morte para qualquer momento, vivendo sempre como que provisoriamente. Nos primeiros anos da doença me amargurava muito a idéia de morrer sem ter feito nada; depois a forçada ociosidade.

O que resta de mim na vida  
É a amargura do que sou.  
Pois nada quero, nada espero.  
E em verdade estou morto ali.

Agora a morte pode vir — essa morte que espero desde os dezoito anos: tenho a impressão que ela encontrará, como em *Consoada* está dito, "a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar."

Quando a indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
— Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com seus sortilégios).  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa.  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.